

Políticos santos?

Ao ensejo da atual campanha eleitoral nacional

Toda vez que acontece uma pesquisa ou sondagem sobre a credibilidade de entidades e organizações sociais, a classe política sempre recebe uma péssima ou sofrível nota de avaliação.

Subornos os mais diversos, desvios de verbas, jogos de interesses pessoais ou de grupos, enfim, toda uma gama de “maracutáias”, contribuem para a má fama de nossos políticos.

Obviamente há muitas e honrosas exceções. Encontramos por toda parte políticos idealistas, lutadores abnegados, preocupados com o bem comum. Há homens e mulheres que assumem a política como ideal de vida, como vocação e missão em vista de uma sociedade justa, fraterna e solidária.

Frequentemente a Igreja tem se pronunciado sobre a importância da política numa perspectiva da Fé e da Caridade cristã.

Os Bispos da América Latina, em seu documento de Puebla (México, 1978) abordam o tema da evangelização relacionando-o com a política. Afirmam que a “dimensão política, constitutiva do homem, representa o aspecto relevante da convivência humana; que a Fé cristã não despreza a atividade política mas a valoriza e a tem em alta estima; que a Igreja sente como seu dever e direito estar presente neste campo da realidade, porque o Cristianismo deve evangelizar a totalidade da existência humana, inclusive a dimensão política; que a política partidária é o campo próprio dos leigos cristãos” (Puebla, 513-515).



En Puebla, México, inicia la tercera Conferencia de Obispos de América Latina.

Fonte: JuVSJ

O Vaticano II exorta os católicos para que, em seu amor à pátria, sintam-se obrigados a promover o verdadeiro bem comum e não recusem cargos políticos, desde que para isso estejam devidamente preparados. (Cf. A.A. - Sobre o Apostolado dos Leigos, n. 14).



Pope Paul VI. during a visit of
US president Lyndon B. Johnson,
December 23, 1967.
Fonte: Wikimedia Commons.

Repito aqui palavras do Papa Paulo VI que se tornaram antológicas: “O exercício da política é excelente obra de Caridade”. Caridade nada tem a ver com esmola ou filantropia. É virtude teologal, suprema virtude que nos leva a amar simultaneamente a Deus e ao próximo. Caridade é sinônimo de amor solidário, de serviço e doação. A caridade é a essência da santidade.

A história nos fala de políticos que fizeram da política uma obra de Caridade. Cristãos ou não, eles merecem estima e respeito.

Foi assim o hindu Maratma Gandhi, primeiro ministro da Índia, líder da não violência, que talvez não se tenha tornado cristão em razão do contratestemunho da política colonialista inglesa que oprimia seu país. Homem admirável que, para mais intensa

e livremente servir ao seu povo, por muito tempo viveu celibatariamente o matrimônio; que dedicava toda 6ª feira para a oração, o silêncio e a contemplação!

Foi assim o estadista alemão Konrad Adenauer que, como primeiro ministro (entre 1949 e 1963), dirigiu e levantou a esfacelada Alemanha da Segunda Guerra Mundial. Foi um político austero, de profunda espiritualidade evangélica e de muita oração, como atesta um seu filho que se tornou sacerdote.

Foi assim Edmond Michelet, idealista jovem da Ação Católica Francesa que combateu o nazismo, foi preso pela Gestapo e viveu num campo de concentração. Na França, terminada a Guerra, foi sucessivamente ministro da Defesa, da Justiça e de Assuntos Culturais. Caracterizou-se pela humildade, dizendo que “o político cristão precisa da ajuda permanente de Deus que anima todos os seus atos e pensamentos”.

Foi assim o estadista italiano Alcides De Gasperi, primeiro ministro da Itália por vários mandatos, após a Segunda Guerra Mundial reergueu seu país vencido e arrasado material e moralmente. Foi assim, também, seu ilustre contemporâneo, Robert Schuman, primeiro ministro da França por dois mandatos após a Segunda Guerra Mundial que do parlamento europeu recebeu o título de “Pai da Europa”.

Adenauer, De Gasperi e Shuman lançaram as sementes que deram origem à atual União Europeia.

Não podemos deixar de citar o jurista e político italiano Giorgio La Pira que, nas décadas de 50 e 60, ocupou por duas vezes o cargo de prefeito de Florença e depois foi deputado federal constituinte. Foi “terceiro dominicano”.

Em várias instâncias da Igreja, correm os processos de beatificação de Schuman, Adenauer, Michelet, De Gasperi e La Pira. Significa que brevemente a Igreja os proclamará santos, santos políticos! E porque não colocarmos ao lado desses futuros santos também Gandhi?

Há pouco começou mais uma campanha eleitoral em nosso país. Se não for demasiada ousadia, convido nossos políticos a se espelharem nessas admiráveis figuras de políticos citados e a humildemente se questionarem sobre sua atuação política como cristãos.

Dizia João Paulo II em sua segunda viagem ao Brasil: “O Brasil precisa de santos”. Acrescentaria: precisa de santos políticos! Será que já os tivemos, será que os temos ou será que os teremos? Acredito que sim.

Frei Lourenço Maria Papin, OP

Frade Dominicano



Fonte: Unsplash.